

Segurança alimentar

Fertilizantes e alimentos

COM AS reformas de mercado, e a revolução verde atrasada em países emergentes da Ásia, a dieta da população melhora e as safras ficam mais exuberantes. Já a febre do etanol no Meio-Oeste dos Estados Unidos aquece o pujante mercado rural do país. Esses acontecimentos fazem com que o emprego de adubos químicos cresça rapidamente em escala mundial.

Nessa tendência, os preços de alguns fertilizantes multiplicam-se e dificultam a sua aquisição pelos agricultores. Essa é uma das variáveis apontadas para o aumento dos preços dos alimentos. Mas existem outras explicações, como:

- O desvio das grandes aplicações dos *hedges funds* em ativos reais como as *commodities* minerais, agrícolas e o petróleo, dentre outros;
- A menor disponibilidade relativa dos recursos naturais para atender a uma quantidade de consumidores que não pára de crescer.

A disparada dos preços do petróleo no mercado internacional gera mais incerteza na crise de alimentos no mundo. Seu reflexo mais forte acontece na escalada dos custos de produção da agricultura, entre os quais estão os preços dos fertilizantes. Até mesmo os defensivos são afetados, pois algumas de suas matérias-primas são oriundas da nafta, que é um derivado do petróleo.

O Programa de Alimentação da Organização das Nações Unidas alerta para o risco iminente de desnutrição de dezenas de milhões de indivíduos pobres. No Continente Africano, onde a questão da fome é mais dramática, os planos

Brasil: relação de troca entre fertilizantes e produto agrícola

Produto	Unidade	2005	2006	2007	2008 *
Algodão em caroço	arroba 15 kg	42,1	39,7	47,2	58,8
Arroz em casca	saca 60 kg	22,8	22,3	24,9	30,1
Batata inglesa	saca 60 kg	11,4	11,4	13,8	15,2
Café arabica	saca 60 kg	2,7	2,6	3,0	3,5
Cana de açúcar	tonelada	21,9	15,9	19,8	30,4
Feijão	saca 60 kg	7,1	7,0	7,7	4,7
Laranja	caixa 40,8 kg	65,2	48	59,7	56,7
Milho	saca 60 kg	40,1	39,3	37,9	38,4
Soja	saca 60 kg	18,6	20,0	20,6	20,2
Trigo	saca 60 kg	30,7	28,9	26,5	28,1

Fonte: ANDA. * Projeção

Consumo de fertilizantes (milhões de toneladas)

País	1990	1995	2000	2006	2007
China	27,1	33,5	34,4	47,7	51,7
India	12,5	13,9	16,7	20,1	23,5
EUA	18,4	20,1	18,7	19,5	20,8
Brasil	3,2	4,3	6,6	8,9	10,4
Paquistão	1,8	2,2	3,0	3,9	3,8
França	5,7	4,9	4,1	3,7	3,6
Mundo	137,4	129,4	136,7	157,3	170,3

Fonte: IFA

Participação no consumo de fertilizantes (%)

País	1990	1995	2000	2006	2007
Brasil	2%	3%	5%	6%	6%
China	20%	26%	25%	30%	30%
India	9%	11%	12%	13%	14%
EUA	13%	16%	14%	12%	12%

Fonte: IFA

para aumento das safras estão em risco. A escassez de fertilizantes é uma das razões crônicas para o atraso da região em relação ao resto do mundo. Na Índia, o aumento no preço dos fertilizantes subsidiados aqueceu as reivindicações em prol de reformas na política agrícola. O subsídio poderá chegar a US\$ 22 bilhões neste ano, contra US\$ 4 bilhões três anos atrás.

Até mesmo a rica região produtora de grãos do Meio-Oeste dos Estados Unidos se recente com a escassez repentina de fertilizante. A comercialização do insumo está praticamente racionalizada para evitar uma falta generalizada. Quem diria que a antiga prática de distribuir esterco de animais voltaria a ser adotada em tempos atuais. Como possuem baixo teor de nutrientes, é necessário movimentar grandes volumes do produto.

Grande parte do crescimento da produção global de alimentos nos últimos sessenta anos veio do uso mais intensivo de fertilizantes. O insumo faz parte dos

pacotes tecnológicos que possibilitaram incrementos notáveis na produtividade agropecuária.

Como fator de produção, o fertilizante é parte fundamental da composição e dos nutrientes aplicados no terreno para favorecer o crescimento das plantas. Seus elementos mais importantes são nitrogênio, fósforo e potássio. O primeiro ajuda no desenvolvimento vegetativo da planta, o segundo no fortalecimento da sua raiz e o terceiro na sua maturação.

Provenientes de minas, o fósforo e o potássio extraídos há séculos. Com a sua obtenção a partir do gás natural, desde o começo do século 20, possibilitou-se uma forma de o nitrogênio ser absorvido pelas plantas. Isso resultou em safras bem mais cheias.

Em termos mundiais, a demanda por fertilizantes expandiu-se em média 31% de 1996 a 2008. O motor desse crescimento foi a aceleração do consumo em 56% nos países em desenvolvimento, segundo

a Associação Internacional da Indústria de Fertilizantes.

Em contrapartida, no último quinquênio, a disponibilidade de adubo químico ficou mais apertada. O maior poder aquisitivo da população teve efeito direto no aumento do consumo e dos preços dos alimentos. Isso constitui a receita certa para estimular os agricultores a plantar nas mais diversas regiões. A extração dos nutrientes básicos das jazidas e a sua distribuição para as fábricas no âmbito global ocorreram em ritmo bem menor.

De 2000 a 2006, a China ampliou o emprego de fertilizantes em dois terços. Isso corresponde a um volume gigantesco. Em termos de quantidade, é praticamente o dobro do realizado pelo Brasil e quase o mesmo número de uso do maior produtor de alimentos do mundo, os EUA. A continuidade do processo é preocupante. Apesar de representar 6% do consumo global, essa situação também deixa o agronegócio brasileiro em posição deli-

Como fica o Brasil

Com o desafio de ser o celeiro do mundo, o agronegócio brasileiro defronta-se com questões ligadas à competitividade, como, por exemplo, a valorização do câmbio, a infraestrutura e a tributação. A trajetória ascendente dos preços de fertilizantes desde o final de 2006, em torno de 300%, trouxe à tona um dos problemas mais sérios para a produção agropecuária nacional.

Na agenda do governo, a expansão da produção interna de nitrogênio, fósforo e potássio passa a ser uma das prioridades cruciais. O Departamento Nacional de Produção Mineral faz uma varredura no território nacional para identificar as jazidas potenciais e confirmadas de fósforo e potássio. Saber em relação a cada uma se existe pesquisa, se houve emissão de direito de lavra, qual a situação da produção e se há alguma limitação legal ou ambiental para a extração do mineral.

Na produção de nitrogenados, a estratégia está em expandir a oferta da Petrobras de

gás natural e de nafta (derivado do petróleo), ambos matérias-primas importantes para produção de nitrato de amônia e uréia. O País ainda é dependente de nafta importada, e o gás natural é destinado a outros usos, como geração de energia elétrica ou combustível automotivo.

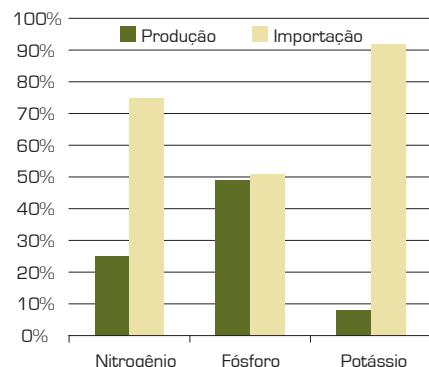
Nos fosfatados, o Brasil conta com dez minas em operação e outras nove em vários estágios de estudo. Uma das minas fica no município de Iperó, na região de Sorocaba (SP). A jazida fica no interior da Floresta Nacional de Ipanema. Para entrar em produção falta a licença ambiental. O MAPA alega que a cobertura vegetal é de mata terciária e não nativa.

Para os potássicos existe uma reserva no subsolo amazônico. A concessão é da Petrobras, porém a Vale, que já explora uma reserva em Sergipe, poderia assumir o projeto. As projeções apontam a necessidade de aportes da ordem de US\$ 2 bilhões, sem incluir o custo ambiental. O potássio está depositado na região denominada Nova Olinda, às margens do Rio

Madeira, a 1,2 mil metros de profundidade. Milhões de toneladas de rejeito terão de ser transportados para o oceano. Há também o risco de alagamento das minas, como ocorreu nos últimos dois anos em jazidas da Rússia e do Canadá. Além da tendência de alta, com o preço a US\$ 600 por tonelada, quatro vezes maior que o do passado, o projeto poderá interessar.

A curto prazo, o governo acenou com a redução temporária da Tarifa Externa Comum (TEC) do Mercosul, de 4% sobre o ácido fosfórico e de 10% sobre o fosfato bicalcico. A medida tem pequeno impacto, pois não há barreiras tarifárias nas importações das agroindústrias ou dos agricultores.

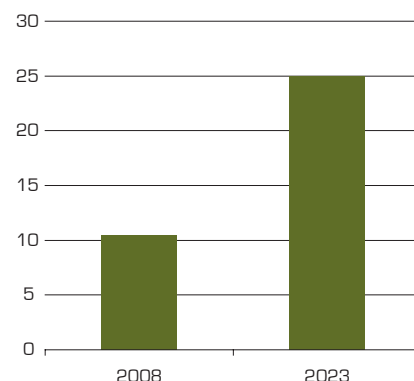
No caso das desonerações, existe a retirada do Adicional ao Frete para a Renovação da Marinha Mercante (AFRMM), equivalente a 15% do valor do frete das importações. Uma antiga reivindicação das indústrias brasileiras é o fim da cobrança de ICMS no transporte interestadual da produção interna. Nas importa-

Balanco de nutrientes (milhões de t)

Fonte: Anda

cada, uma vez que três quartos do fertilizante consumido vem do exterior.

Diante desse cenário promissor de negócios, as companhias de fertilizantes acionam planos de investimentos para modernizar e ampliar suas unidades de produção. Uma das escolhas preferidas é o Oriente Médio, onde o gás natural é abundante. Estão sendo anunciados a

Brasil: consumo de nutrientes para fertilizantes (milhões de t)

Fonte: MAPA

construção de mais de 50 novas unidades para a produção de adubo nitrogenado e a expansão das minas de fósforo e potássio. Como esses projetos são caros e demorados, a oferta de fertilizantes poderá continuar reduzida durante anos.

O quadro de dependência crescente dos combustíveis fósseis para a produção e o preço elevado dos fertilizantes químicos,

certamente levará à busca de tecnologias para obtenção de produtos sucedâneos e melhoramento genético das plantas. Mas, os resultados somente aparecerão a médio e longo prazo.

Em recente painel, a ONU solicitou mudanças urgentes nas práticas agrícolas a fim de torná-las menos destrutivas. Algumas técnicas recomendadas oferecem alguns dos benefícios dos fertilizantes químicos, como o aumento da rotação de culturas usando soja e outras leguminosas, que naturalmente acrescentam algum nitrogênio ao solo.

A pergunta é se essas abordagens serão suficientes para atender à acelerada demanda mundial por alimentos e biocombustíveis. “Este é um problema básico: alimentar 6,6 bilhões de pessoas”, afirma Norman Borlaug, cientista norte-americano que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1970 devido ao seu papel na disseminação das práticas de agricultura intensiva nos países pobres. “Sem fertilizantes químicos, esqueça. É fim de jogo”. ■

ções não ocorre esse ônus. Essa decisão depende do Conselho Nacional de Política Fazendária.

Um outro ponto é o estímulo à formação de grupos de produtores com escala suficiente para garantir preços melhores nas negociações com o exterior. Grandes grupos na Região Centro-Oeste, como o Consórcio Cooperativo Agropecuário Brasileiro (CCAB), que reúne 20 cooperativas de quatro estados, já adotaram o modelo. O governo pode também facilitar a aproximação de grupos de produtores com fornecedores internacionais. O gargalo está na *demourrage* (custo de navio parado no porto para descarregar), que custa ao setor um desembolso de US\$ 700 milhões a US\$ 1 bilhão por ano.

Para serem operacionalizadas pelo Banco do Brasil e o BNDES, duas linhas de crédito estão sendo analisadas:

Primeira: para custear a compra de adubos; Segunda: para estimular a aquisição ou a construção de unidades misturadoras

próximas aos portos, para facilitar o emprego de importados.

Da parte da iniciativa privada, foram anunciados investimentos de US\$ 4 bilhões para ampliar a produção interna nos próximos quatro anos. Nessa cifra estão as inversões de Petrofertil, maior fabricante de matérias-primas para adubos no País e controlada pela Bunge, Mosaic e Yara. Todas as iniciativas são válidas nessa fase em que os indícios são de um patamar mais alto de preços internacionais para os fertilizantes. O foco deve estar na garantia de renda do agricultor. A relação de troca mostra, mesmo com preços maiores das *commodities* agrícolas de uma maneira geral, uma evolução desfavorável para o produtor.

A China e a Índia representam praticamente a metade do consumo mundial de fertilizantes. Ambos os países subsidiam seus produtores para empregar o insumo vital para a produtividade. Os grandes fornecedores mundiais priorizam, por motivos naturais de escala de comercializa-

ção, o atendimento à região asiática. Já a agricultura rentável da Europa e dos EUA tem condições para adquirir o produto. O Brasil fica em condição marginal, com uma agricultura que cresce em direção à região central de solos mais pobres e de logística complicada.

Enquanto vários países retêm as exportações de grãos, como arroz e trigo, para garantir o abastecimento interno ante a escassez de produtos, a prática chega nos insumos. A China acaba de bloquear as exportações de fertilizantes com a imposição de tarifas. Se essa prática generalizar-se, a crise dos alimentos deixa de ser dirigida para o abastecimento, e convergirá com mais força para a produção, e o Brasil ficará em posição incômoda.

Enfim, os fatos deixam claro no aspecto estrutural a incapacidade do Brasil, uma das maiores potências no agronegócio, de atender à demanda de seus produtores. Encontrar uma saída para isso deve fazer parte das estratégias básicas do setor.